



O *Zibaldone di pensieri* e a crítica

Andréia Guérini – UFSC

RESUMO: Este artigo tem por objetivo verificar como a crítica italiana e internacional tratou o *Zibaldone di pensieri* de Giacomo Leopardi e mostrar que ela se preocupou muito mais com os aspectos de caráter filosófico e ideológico do que com os aspectos estético-literários.

PALAVRAS-CHAVE: Giacomo Leopardi; *Zibaldone di pensieri*; crítica literária.

Na vasta literatura sobre Leopardi, as peculiaridades fundamentais de sua poética ainda não foram devidamente analisadas. A crítica tem-se dedicado predominantemente ao poeta, ao filólogo e ao filósofo e não ao ensaísta. Essa preferência tem encoberto momentos estruturais mais sólidos e profundos e a originalidade de sua visão estética.

Contudo, na segunda metade do século XX vêm à luz importantes livros, os quais procuram integrar o Leopardi pensador com o poeta, postulando um poeta-pensador ou um poeta-filósofo. O redirecionamento dos estudos leopardianos deve-se a alguns críticos, como Walter Binni, um dos primeiros a associar o poeta dos *Canti* e o prosador das *Operette morali* ao crítico e teórico do *Zibaldone*. É nessa época que esta última obra começa a ser investigada com mais intensidade, de Luporini a Solmi, sob o viés filosófico, filológico, histórico e ideológico. Percebe-se que a crítica em geral preferiu tratar do poeta e, quando fala do *Zibaldone*, privilegia o aspecto filosófico em prejuízo do estético-literário, como veremos a seguir.

Um dos primeiros grandes estudiosos de Leopardi na Itália foi Francesco de Sanctis, para quem foi o poeta predileto. Durante toda a sua vida, o crítico napolitano comentou a obra, dedicando a Leopardi vários escritos. Especial destaque merece o seu último livro, *Giacomo Leopardi*, que permaneceu incompleto e só foi publicado depois de sua morte. Nele De Sanctis procede a um estudo minucioso da poesia leopardiana.

Os anos de estudo leopardiano levaram De Sanctis a ser um dos primeiros a resgatar o lado positivo do “pessimista” Leopardi,

perchè produce l'effetto contrario a quello che si propone. Non crede al progresso, e te lo fa desiderare; non crede alla libertà, e te la fa amare. Chiama illusioni l'amore, la gloria, la virtù, e te ne accende in petto un desiderio inesausto. [...] È scettico e ti fa credente; e mentre non crede possibile un avvenire men tristo per la patria comune, ti desta in seno un vivo amore per quella e t'infiamma a nobili fatti. Ha così basso concetto dell'umanità, e la sua anima alta, gentile e pura l'onora e la nobilita. [...] E mentre chiama larva ed errore tutta la vita, non sai come, ti senti stringere più saldamente a tutto ciò che nella vita è nobile e grande¹

Com essa afirmação perspicaz, De Sanctis subverte as análises da poesia e prosa leopardianas até então existentes, afirmando que Leopardi nos estimula à ação, à atividade, à resistência, à luta, porque o poeta amava demasiadamente a vida, mesmo que, em muitos momentos, dê a entender o contrário. Além disso, ele constitui uma referência constante nas análises e comparações feitas pelo historiador e crítico italiano, que não esquece de mencionar o erudito, o filólogo, o filósofo.

Se para De Sanctis a grandeza de Leopardi é indiscutível, para Croce o mesmo parece não acontecer. Embora tenha servido de paradigma para muitas de suas reflexões literárias, o filósofo e crítico napolitano reconheceu o valor de Leopardi somente em algumas de suas poesias líricas, excluindo as canções da primeira e última fases, conforme declara no ensaio “Poesia e non poesia in Leopardi” (1923: 115-8).

1. Ver F. De Sanctis, “Schopenhauer e Leopardi”, [http://www.liberliber.it/bibliotec...penhauer e leopardi/html/testo.htm](http://www.liberliber.it/bibliotec...penhauer_e_leopardi/html/testo.htm), p. 26 de 28.

No tocante ao *Zibaldone*, as referências são raras. Entretanto, Croce não desconhecia que essa obra continha as elaborações teóricas de Leopardi. Preferiu, de um lado, criticá-las, como as formulações sobre gênero literário, que Croce aparentemente rejeitava, e por outro, ignorá-las. Estranho é verificar que algumas formulações do *Zibaldone* antecipam as idéias estéticas defendidas por Croce, como a de que a melancolia é própria da poesia. Idéia essa que também será elaborada por Poe em “Filosofia da composição”

Se há pontos de convergência nas elaborações estéticas de Leopardi e Croce, pode-se dizer que as concepções de ambos se diferenciam. As teorias do segundo se voltam mais para a tradição idealista, platônica, e as do primeiro para a tradição aristotélica, humanista, clássica, mas um e outro têm como ponto de contato Giambattista Vico que, em sua *Scienza nuova*, mostrou ser a poesia oposta ao intelecto, associada aos sentidos e identificada com a imaginação e o mito.

Grosso modo, as formulações de Croce sobre arte em geral têm como preocupação essencial o elemento estético-formal; dentre outros pensamentos, define a arte como intuição². As de Leopardi parecem ser mais complexas e seguem outra direção, pois representam, de um lado, a busca da sinceridade na expressão dos sentimentos; de outro, a extensão das preocupações literárias para o lado dos problemas filosóficos, históricos, intelectuais e políticos, conferindo à arte um sentido de representação do mundo natural e social, mais do que o deleite estético.

Pela complexidade das elaborações teóricas de Leopardi no campo estético-literário, muitas de suas contribuições foram desconsideradas pela crítica. O mesmo não acontece com Croce, cujas teorias tiveram um grande impacto nacional e internacional.

Assim como este último, também Gramsci não se dedicou muito a pensar sobre Leopardi. Nas milhares de páginas dos seus *Quaderni del carcere*, se refere ao escritor de Recanati em poucas passagens e quando o faz é através da

2. Para mais detalhes ver *Aesthetica in nuce*, 1946, pp. 5-15.

leitura de críticos como Croce, Valentino Piccoli ou, ainda, em comparação com outros autores.

Talvez esse não-reconhecimento de Leopardi se deva à preocupação de Gramsci em centrar suas análises e críticas ao elitismo dos intelectuais e por não poder ajustar o intelectual de Recanati em algumas escalas de seu pensamento, como faz, por exemplo, com Foscolo e Manzoni:

Foscolo e Manzoni, em certo sentido, podem fornecer os tipos italianos. Foscolo é o exaltador das glórias literárias e artísticas do passado [...], a sua concepção é essencialmente “retórica” (ainda que se deva observar que, em sua época, esta retórica tinha uma eficácia prática atual e, portanto, era “realista”). Em Manzoni, encontramos novas tendências, mais estritamente burguesas (tecnicamente burguesas). Manzoni exalta o comércio e rebaixa a poesia (*a retórica*) (1979: 50).

Leopardi permanece à parte. As suas concepções podem ser um exemplo que agrega o intelectual “orgânico” e “tradicional” porque se preocupam com o aspecto nacional-popular e também porque antecipam algumas das formulações de Gramsci, repudiando, de um lado, as tendências aristocráticas e repressoras e, de outro, valorizando as relações democráticas e dialéticas do saber. Para Ugo Dotti, Leopardi pode, em certo sentido, definir-se um gramsciano *ante litteram*. Ambos possuem concepções idênticas como as de “*non stancarsi mai di ripetere i propri argomenti essendo la ripetizione il mezzo didattico più efficace per operare sulla mentalità popolare; lavorare incessantemente per elevare intellettualmente sempre più vasti strati popolari*” (1999: 64).

Se o *Zibaldone* não retém a atenção de Croce e Gramsci, em *Seis propostas para o novo milênio* (2000), o escritor, crítico e ensaísta Italo Calvino fará muitas referências não só ao poeta Leopardi, mas também ao prosador e, principalmente, ao ensaísta dessa obra, nas partes dedicadas à “Leveza, à “Rápidez” e à “Exatidão”

Assim, do poeta lírico que inspira a leveza, Calvino passa ao tema da “rapidez”, que será tratado em algumas passagens do *Zibaldone di pensieri* e que aborda a relação entre velocidade física e velocidade mental. No capítulo dedicado à “Exatidão”, ao analisar a palavra “vago”, Calvino observa que esta é uma das palavras caras a Leopardi por ser extremamente poética, aparecendo

inúmeras vezes no *Zibaldone*. De Calvino, depreende-se que não somente o poeta, mas também o ensaísta Leopardi, representa um dos autores que ainda podem nortear a atividade dos escritores do século XX e vindouros, como fazem, por exemplo, Homero, Dante, Dostoiévski, Joyce, Valéry, Pessoa, Borges³.

Walter Binni, um dos nomes mais importantes da crítica leopardiana, em *La nuova poetica leopardiana*, publicado pela primeira vez em 1947, apóia-se em parte na prosa das *Operette morali* e nas reflexões do *Zibaldone*, para legitimar a sua interpretação sobre os últimos *Canti* de Leopardi, que o crítico considera como “*il più grande poeta moderno italiano*” (1997: 201). Binni abriu um novo caminho na interpretação desta última obra de Leopardi, opondo-se à crítica crociana e colocando pensador e poeta lado a lado, valorizando “*la forza dirompente della poetica energica, eroica degli ultimi canti, rivendicando [...] la modernissima radice di una poetica che coniuga pensiero e poesia in un progetto totale di intervento nella storia*” (1997: 70). São várias as passagens em que o crítico italiano recorre ao *Zibaldone* para fundamentar a sua análise.

Se Binni se utiliza do *Zibaldone* para fundamentar as suas análises dos *Canti* leopardianos, em *Leopardi progressivo*, de Luporini, encontramos aquilo que o próprio Binni definiu como “*un contributo stimolante e valido, sia pure nella sua tendenziosità, per una più vasta e storica ricostruzione dell’opera leopardina*” (1996: 201).

3. O reconhecimento de Calvino a Leopardi aparece também no ensaio “Por que ler os clássicos”. Nesse texto, o organizador de *Fábulas italianas* apresenta ao leitor uma lista de catorze itens para justificar o seu conselho. Não por acaso as palavras centrais para o escritor italiano estarão relacionadas à leitura e ao prazer da leitura. Calvino não estará preocupado com a tradição, mas com o resgate e a revalorização dos clássicos na era em que esses estão sendo substituídos pela televisão, por jornais e revistas. Ao abordar essas idéias, Calvino percebe ser Leopardi o único nome da literatura italiana mencionado, o que ele justifica como “efeito da explosão da biblioteca”. E quando o cita é também para expor que as condições do século XIX eram bem diferentes das do século XX, mas que, mesmo assim, Leopardi não se satisfazia com os textos contemporâneos, nem “demasiado *up-to-date*”, mas sim com os clássicos.

Podemos dizer que Luporini destaca o pensador Leopardi, colocando-o no mesmo patamar de filósofos como Hegel, Kant e Fichte. Além disso, testemunha que no seu estudo “*vi è [...] una eccessiva presa di distanza dalle Operette morali (che Leopardi sentiva come un unitario organismo di pensiero), mentre si privilegia la materia in movimento costituita dallo Zibaldone e dalla sua prosa*” (1996: XI). Esse distanciamento das *Operette* ocorre, em parte, porque das *Operette* não se passa ao *Zibaldone*, mas do *Zibaldone* às *Operette*. Segundo Luporini,

un errore che ha impedito a lungo l'accesso al pensiero di Leopardi è stato quello di prendere come punto di partenze le Operette morali. [...] Dalle Operette morali non si penetra nello Zibaldone, ma viceversa. E ciò perché in quelle il Leopardi, presentandosi al pubblico, si tiene come un passo indietro (qualche volta più di un passo indietro) e maniera e stilizza non poco, letterariamente, la sua posizione (1996: 43).

Luporini trabalha com alguns dos conceitos encontrados no *Zibaldone*, principalmente o da ilusão, pois “*esso costituisce un tema costante che viene continuamente variato e intorno al quale si compongono tutti gli altri motivi della tematica leopardiana, natura, immaginazione, ragione, filosofia, poesia, felicità, morte, amore, piacere, noia*” (p. 10).

Reforçando o lado filosófico de Leopardi, Luporini sublinha que “*Leopardi fu un pensatore progressivo; in certo modo, dentro i limiti della sua funzione di moralista, di non-tecnico della filosofia né di alcuna disciplina particolare, il più progressivo che abbia avuto l'Italia nel XIX sec.*” (pp. 101-102).

Em “Il saggio di Luporini e la svolta leopardiana del’47” de 1980, Binni afirma que ele, juntamente com Luporini, são os “jovens do século XX” que conseguiram enfocar a grande obra de Leopardi de uma perspectiva crítica, histórica, filosófica e literária, mediante uma nova interpretação dos últimos *Canti*, do reconhecimento do valor das *Operette morali* e da certeza da importância do *Zibaldone* como “*asse principale della ricostruzione del pensiero leopardiano*” (p. 212).

Mais recentemente, o historiador e crítico de literatura Ugo Dotti escreve o livro *Lo sguardo sul mondo: introduzione a Leopardi* (1999), seguindo uma trilha já percorrida por muitos, mas sem a pretensão das interpretações de um

Luporini (filosofia), Binni (poesia) e Timpanaro (filologia)⁴ Concentra-se num dos aspectos filosóficos das teorias de Leopardi, isto é, na dimensão do iluminismo materialista e ateu do escritor, em luta contra as posições católicas da época da Restauração italiana.

Dotti traça inúmeros paralelos entre a obra de Leopardi e as de autores italianos e estrangeiros, como Gramsci, Marx, Montaigne e Rousseau, a fim de estabelecer possíveis relações de similaridade entre o desenvolvimento do pensamento do poeta de “L’Infinito” e esses escritores.

O *Zibaldone* é o livro-base que norteia a argumentação de Dotti, mesmo que “*non sia sempre facile dedurre con sufficiente coerenza il pensiero leopardiano affidandosi soltanto a quell’enorme serbatoio di riflessioni rappresentato dallo Zibaldone*” (p. 5). Por isso não deixa de usar os *Canti* e as *Operette morali*, passando também pelos *Pensamentos*, que ele procura destacar, observando que, junto com os *Ricordi* de Guicciardini, essa obra representa uma exceção para uma literatura como a italiana, pobre de máximas, de observações e de divagações morais (p. 106).

Se a crítica italiana dedicou muitos ensaios a Leopardi, no que se refere aos críticos estrangeiros podemos dizer que o mesmo também será alvo de debate. Assim, em *História da crítica moderna II* (1967), ao falar sobre o desenvolvimento da crítica durante o Romantismo, Wellek dedica um capítulo aos críticos e teóricos italianos:

na Itália o romantismo foi principalmente um lema que recomendava a verdade e a consciência da época na literatura. Os românticos italianos se anteciparam ao que foi depois proclamado pela *Junges Deutschland* e os primeiros realistas franceses. Foscolo, embora não fosse romântico em seu credo formal, pode ser situado próximo a Madame de Staël, pela sua

4. Segundo Giulio Bollati “*il nuovo corso della critica leopardiana è stato inaugurato da Walter Binni [...] e da Cesare Luporini [...]. Il nuovo orientamento critico è oggi rappresentato da Sebastiano Timpanaro. [...] Di questi saggi, che considero fondamentali, [...] condivido la passione leopardiana e l’orientamento di fondo, ma non l’impostazione critica che insiste [...] sul ‘pensiero’ e in generale sulla figura culturale di Leopardi, e non integra questi aspetti in un ‘totale’ che comprenda, accanto al pensatore e all’uomo militante, anche lo scrittore e il poeta*” (1998: 87).

concepção do emocional e compreensão do ponto de vista histórico. Leopardi permanece à parte, com a sua concepção profundamente pessoal e completamente lírica da poesia (1967, vol. II: 2-3).

São as reflexões sobre a lírica, teorizadas no *Zibaldone*, que Wellek abordará na parte dedicada aos italianos, explicitando a importância dos escritos dessa obra no resgate de um gênero que até então tinha sido pouco teorizado, isto é, o lírico. Vale recordar que Wellek é um dos poucos críticos a reconhecer a grandeza dos ensaios leopardianos no que concerne ao aspecto literário, pelas suas contribuições sobre os gêneros literários. Se comparado com Foscolo e Manzoni, que também teorizaram sobre literatura, “em idéias de crítica e temperamento, Leopardi [...] é muito mais original e notável” (1967, vol. II: 240). Contudo, é lamentável que Wellek se tenha dedicado a explorar somente a contribuição de Leopardi no campo da lírica, pois as reflexões sobre epopéia e drama são das mais originais e fecundas da teoria dos gêneros literários.

Em *The Classical Tradition: Greek and Roman Influences on Western Literature*, Highet qualificará Leopardi, primeiramente, como “*the saddest lyric poet of Italy*” (1976: 429), observando que “*his own poetry has many poignant images of loneliness and homelessness [...] and his lyrics are full of questions – urgent and sad questions which no one hears, and which are never answered*” (p. 430).

Highet mostra como alguns autores gregos e latinos influenciaram a obra de Leopardi, seja a partir das traduções realizadas por este seja na composição das *Operette Morali*: “*Leopardi began writing by translating classical authors, and then by trying to rival them. [...] As he came to manhood, [...] he gave up Christianity, and became a free-thinker, with an emotional preference for the Greek divinities*” (pp. 430-431). Sublinha ainda que “*his chief debt to classical poetry and his truest claim to equal the great lyric poets is that he sees his tragic subjects with sculptural clarity, and describes them with that combination of deep passion and perfect aesthetic control which we recognize as Greek*” (p. 434).

Nota que Leopardi tinha uma grande admiração pelo estilo da prosa e da poesia dos gregos e latinos. Afora estes precursores, Highet lembra que os sucessores de Leopardi na prosa filosófica pessimista são Schopenhauer e

Nietzsche e, na poesia, seus herdeiros são James Thomson e Baudelaire⁵. Essas considerações são extraídas da leitura dos *Canti* e das *Operette*. Quanto ao *Zibaldone*, há um grande silêncio.

Robert Curtius fará menção a Leopardi em dois momentos de sua *Literatura européia e Idade Média latina*, que é um amplo quadro da sobrevivência dos *topoi* ou “lugares-comuns” da Antigüidade nas literaturas do Ocidente. Num desses momentos, é lembrada uma passagem do *Zibaldone*, o que leva a constatar que, na Alemanha, esta obra já era conhecida em meados de 1940.

No Brasil, alguns escritores, críticos, teóricos e historiadores foram mais ou menos tocados por Leopardi, tanto pelo poeta como pelo prosador e ensaísta do *Zibaldone*. Prova da importância desse autor no Brasil é a edição *Giacomo Leopardi: poesia e prosa*, organizada por Marco Lucchesi, em que há uma parte dedicada à fortuna crítica do escritor de Recanati. Dos 28 ensaios escolhidos, que vão dos escritos de De Sanctis, Vossler, Croce, Binni, Luporini até os de Carpeaux, Bosi, Haroldo de Campos, o que se percebe é a contemplação dos ensaios críticos “mais famosos” a fim de mostrar as múltiplas e também mais significativas interpretações dadas a Leopardi. A escolha do organizador do volume dá ênfase aos estudos sobre a poesia, refletindo, assim, a preferência da crítica e do próprio organizador.

Contudo, vale sublinhar que, em muitos dos ensaios selecionados, o *Zibaldone* aparece implícita ou explicitamente, como é o caso do ensaio de Vossler, “As idéias de Leopardi sobre a arte e sobre a língua” (p. 57), o de Mario Puppo, “A poética de Leopardi” (p. 81), o de Natalino Sapegno, “A poética” (p. 97), o de Dante Milano, “Leopardi” (p. 133), e finalmente o de Haroldo de Campos, “Leopardi, teórico de vanguarda” (p. 146).

5. Em *Estrutura da lírica moderna*, Hugh Friederich parece desconsiderar completamente a importância de Leopardi como um dos mais representativos poetas líricos do século XIX. Para Friederich, “os fundadores e, ainda hoje, mestres da lírica moderna da Europa são dois franceses do século XIX, Rimbaud e Mallarmé” (1978: 9). Além disso, dedica um capítulo a Baudelaire, o qual considera o precursor da lírica moderna e, em nenhum momento, cita Leopardi. Difícil explicar o porquê dessa ausência, ainda mais quando, no último capítulo do livro, “A lírica européia do século XX”, o autor trabalha com os poetas herméticos italianos e, principalmente, Ungaretti, que se inspirou em Leopardi.

Embora as referências ao *Zibaldone* sirvam, sobretudo, para explicar a grandeza da poesia de Leopardi, indiretamente há o reconhecimento de que o *Zibaldone* é o lugar privilegiado para as reflexões de Leopardi e serve, em grande medida, para explicar a poesia e a prosa leopardiana.

Otto Maria Carpeaux, um dos grandes defensores e difusores das letras italianas no Brasil, diz que Leopardi foi o “maior poeta que a Itália produziu depois de Dante, e considerado no Brasil como um romântico melancólico, um poeta elegíaco” (1999: 477-8). Observa ainda que os seus poemas eram conhecidos no Brasil desde a época do Romantismo, mas não se conheciam os seus diálogos em prosa, as *Operette morali* (1999: 478).

Assinala que assim como é possível discutir as questões das tendências contemporâneas na literatura, grandes autores, como Leopardi, serão discutidos permanentemente por parte da crítica e história literárias:

esses problemas (das tendências contemporâneas na literatura) já podem ser discutidos e são discutidos assim como se discutem permanentemente os grandes objetos literários do passado: na Itália, Dante, Leopardi e Manzoni; na França, Racine, Stendhal e Balzac; na Inglaterra e Estados Unidos, Shakespeare e Milton, Donne e Marvell, Wordsworth e Keats, Henry James e, desde já, Joyce. Essas discussões são o terreno da permanente crítica literária (1966, vol. VII: 3508).

Nos ensaios que Carpeaux dedica às letras italianas em geral e a Leopardi em particular, não vemos, contudo, menção ao *Zibaldone*. O mesmo parece acontecer na sua *História da literatura ocidental*. Aliás, ele nota que apesar de Leopardi ter sido “um dos homens mais infelizes de todos os tempos” (1962, vol. IV: 1881) e de ter morrido com apenas 39 anos de idade, deixou “uma obra de tamanho escassíssimo: um volume de diálogos e meditações filosóficas e um pequeno volume de versos. É, porém, a obra mais perfeita de uma literatura tão grande como a italiana” (*idem*: 1882). Se nessa passagem Carpeaux desconsidera o *Zibaldone*, reiterando que Leopardi foi “um dos maiores poetas de todos os tempos”, no mesmo artigo o historiador assinala:

na verdade, Leopardi não foi poeta elegíaco-idílico e, muito menos, decadente. Doente, sim, mas os sofrimentos físicos e as humilhações pessoais não lhe quebraram o espírito forte. Dão

testemunho disso a dureza de pedra do seu verso, a lucidez crítica dos seus diários (reunidos no imenso *Zibaldone*), e a força de elaborar, nos *Opúsculos morais*, um autêntico sistema filosófico do pessimismo (1962: 1883).

De fato, Carpeaux diminui o *Zibaldone* das “obras” de Leopardi, pois o “imenso *Zibaldone*” parece não combinar com “obra de tamanho escassíssimo” como declarado anteriormente. A visível negligência a esse livro é compensada pela elevada apreciação de Leopardi como poeta e prosador, pois para Carpeaux as *Operette morali* são uma das melhores obras da literatura mundial, concepção que parece não ser exatamente a do crítico, ensaísta e tradutor Haroldo de Campos. Este também foi um dos divulgadores do escritor italiano e, além de reconhecer Leopardi como um grande poeta, dedicará um ensaio a algumas de suas reflexões teóricas sobre estética que elaborou no *Zibaldone*.

Segundo Haroldo (reiterando a idéia de Calvino), Leopardi é visto como um teórico de vanguarda, pois “nesse mar de sargaços do pensamento leopardiano [...] muitas reflexões emergem ao primeiro contato e desde logo nos tocam por sua atualidade” (1977: 187). Trata-se de um dos primeiros brasileiros, juntamente com Antonio Candido, a sublinhar a importância do *Zibaldone* na obra de Leopardi.

Já para Alfredo Bosi, o escritor será analisado e visto muito mais como poeta do que prosador e ensaísta, conforme atestam a sua tese de livre-docência, algumas passagens d’*O ser e o tempo da poesia* e a *História concisa da literatura brasileira*.

Em *O ser e o tempo da poesia*, Bosi declara que Leopardi é um dos “grandes poetas de todos os tempos” (2000: 12), colocado no mesmo patamar de Homero, Virgílio, Dante, Shakespeare, Villon, Hölderlin, Baudelaire, Pessoa, Bandeira. As qualidades do poeta Leopardi vão ser predominantes no discurso do autor da *História concisa da literatura brasileira*. Quando cita o *Zibaldone*, o destaque fica por conta das reflexões de Leopardi sobre poesia, mas Bosi também chama a atenção para o lingüista e o filósofo, colocando-o ao lado de Hegel: “[...] os nossos tempos são, como já observavam, com filosofias opostas, Leopardi e Hegel, hostis à poesia, que só se tolera como atividade ilhada, abstraída da prática social corrente e, daí, reificada” (1997: 140-141).

Mesmo que “o perfil projetado por Giacomo Leopardi na posteridade seja de um poeta lírico de grave melancolia reflexiva” (Uchoa, 1986: 149), o outro Leopardi, o menos conhecido, o das *Operette morali*, é destacado pelo poeta, crítico e tradutor Sebastião Uchoa Leite no ensaio “Leopardi: diálogos sobre a morte e a vida”

Ressalta que o conteúdo da prosa “despojada e precisa” das *Operette* está intimamente relacionado com o Leopardi lírico dos *Canti*, pois “há nos dois aspectos uma inteireza temática obsessiva” (p. 149).

Ao observar que ele não teria sido filósofo, como muitos professam, sustenta ter sido Leopardi somente um “observador reflexivo, cujas anotações assistemáticas e feitas ao longo de muitos anos foram depois recolhidas no *Zibaldone di pensieri*” (p. 150). Segundo Uchoa, Leopardi é um “monumento [...] que prevê o pensar fragmentário moderno, como por exemplo é o caso de Nietzsche e Valéry” (p. 150).

Apesar dessa importante observação, Uchoa prefere centrar sua atenção na “prosa excepcionalmente articulada das *Operette morali*” que representa o “cruzamento desse Leopardi reflexivo com o lírico dos *Canti*” (p. 150). Pontua Uchoa que

nas *Operette* Leopardi permanece poeta, com forte aderência ao ficcional, do mesmo modo que nos *Canti* persiste o pensador reflexivo. Em ambos os casos, o poético é mais forte e fundamental do que o pensar. Este último resulta da formação humanística do poeta, enquanto o poético-ficcional é a sua vocação marcada, aquilo que fez com que ultrapassasse a sua época e chegasse até nós ainda surpreendentemente moderno (p. 151).

Tanto Uchoa como Haroldo de Campos distanciam-se das habituais críticas aos ensaios de Leopardi, procurando evidenciar o Leopardi modernista, não o Leopardi “grego”, o que parece refletir uma preocupação mais estetizante do que filosófica das contribuições do autor italiano.

De alguma forma, os dois brasileiros parecem considerá-lo um *flâneur*, no sentido usado por Baudelaire e retomado por Walter Benjamin, isto é, um observador do mundo, a serviço de uma modernidade antecipada, que não se limitava a Recanati.

Após esse breve panorama, pode-se perceber que, embora tenha havido uma “reviravolta” nos estudos críticos sobre Leopardi nos últimos cinquenta anos e o *Zibaldone* tenha adquirido notoriedade, a crítica deu mais atenção aos aspectos filosóficos e ideológicos do que às importantes contribuições estético-literárias do escritor de Recanati.

ABSTRACT: Lo scopo di questo articolo è verificare come la critica letteraria italiana e internazionale ha trattato lo Zibaldone di pensieri di Giacomo Leopardi. Si conclude che, in generale, la critica si è preoccupata degli aspetti filosofici e ideologici piuttosto che di quelli estetico-letterari.

PAROLE CHIAVE: Giacomo Leopardi; Zibaldone di pensieri; critica letteraria.

Referências bibliográficas

- ARISTÓTELES. *Obras*. Traducción del griego por Francisco de P. Samaranch. Madrid: Aguilar, 1977.
- BAUDELAIRE, Ch. *Sobre a modernidade*. S/trad. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- BENOIT-DUSAUSOY, D'A. & FONTAINE, Guy. *Histoire de la littérature européenne*. Paris: Hachette, 1992.
- BENJAMIN, W. *A modernidade e os modernos*. Trad. H. Krieger Mendes da Silva, A. de Brito e T. Jatobá. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.
- _____. *Angelus Novus: saggi e frammenti*. Trad. R. Solmi. Torino: Einaudi, 1962.
- BINNI, W. *La nuova poetica leopardiana*. Milano: Sansoni, 1997
- BOLLATI, G. *Giacomo Leopardi e la letteratura italiana*. Milano: Bollati Boringhieri, 1998.
- BOSI, A. *História concisa da literatura brasileira*. 3. ed. 17ª tiragem. São Paulo: Cultrix, 1997.
- _____. *Céu, inferno: ensaios de crítica literária e ideológica*. São Paulo: Ática, 1988.
- _____. *Mito e poesia em Leopardi*. São Paulo, 1970 (tese de livre-docência).
- _____. *O ser e o tempo da poesia*. 6. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- CALVINO, I. *Por que ler os clássicos?* Trad. N. Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- _____. *Seis propostas para o próximo milênio*. Trad. I. Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- CAMPOS, H. de. *A arte no horizonte do provável*. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 1977.
- CAMERINO, G. A. *L'invenzione poetica in Leopardi: percorsi e forme*. Napoli: Liguori, 1998.
- CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira*. 8. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1997.
- CARPEAUX, O. M. *Ensaio reunidos. 1942-1978*. vol. I. Rio de Janeiro: Topbooks, 1999.

- CARPEAUX, O. M. *História da literatura ocidental*. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1959 a 1966, 7 vols.
- CESERANI, R. & FEDERICIS, L. de. *Il materiale e l'immaginario*. Torino: Loescher, 1993. 4v.
- CROCE, B. *Poesia e non poesia: note sulla letteratura del secolo decimono*. Bari: Laterza, 1923.
- _____. *Aesthetica in nuce*. Bari: Laterza, 1946.
- _____. *Problemi di estetica e contributi alla storia dell'estetica italiana*. 5. ed. Bari: Laterza, 1954.
- _____. *Filosofia, Poesia, Storia*. Milano-Napoli: Riccardo Ricciardi Editore, s/d.
- CURTIUS, E. R. *Literatura européia e Idade Média latina*. Trad. T. Cabral e P. Rónai. São Paulo: Hucitec, 1996.
- DE SANCTIS, Francesco. *Giacomo Leopardi*. Roma: Editori Riuniti, 1983.
- _____. *Storia della letteratura italiana*. Torino: Einaudi-Gallimard, 1996.
- _____. *Opere*. Milano-Napoli: Riccardo Ricciardi Editore, 1986.
- _____. Schopenhauer e Leopardi. In: http://www.liberliber.it/bibliotec...penhauer_e_leopardi/html/testo.htm
- DOLFI, A. *Le verità necessarie: Leopardi e lo Zibaldone*. Modena: Mucchi, 1995.
- DOTTI, U. *Lo sguardo sul mondo: introduzione a Leopardi*. Roma-Bari: Universale Laterza, 1999.
- FERRONI, G. *Storia della letteratura italiana: dall'Ottocento al Novecento*. Milano: Einaudi, 1995.
- FLORA, F. *Storia della letteratura italiana*. vol. IV. L'Ottocento. Milano: Mondadori, 1947.
- GRAMSCI, A. *Quaderni dal carcere*. Torino: Giulio Einaudi, 1975.
- _____. *Os intelectuais e a organização da cultura*. 3. ed. Trad. C. N. Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.
- HIGHET, G. *The Classical Tradition: Greek and Roman Influences on Western Literature*. New York-Oxford: Oxford University Press, 1976.
- LEITE, S. U. *Crítica clandestina*. Rio de Janeiro: Livraria Taurus, 1986.
- LEOPARDI, G. *Zibaldone di pensieri*. Milano: Mondadori, 1983.
- _____. *Zibaldone*. Roma: Grandi Tascabili Economici Newton, 1997.
- _____. *Poesie e prose. A cura di Mario Andrea Rigoni*. Milano: Arnoldo Mondadori, 1998 (vol.1. Poesie).
- _____. *Poesie e prose. A cura di Rolando Damiani*. Milano: Arnoldo Mondadori, 1998 (vol. II. Prose) (Collana Meridiani).
- _____. *Poesia e prosa*. Organização e notas de M. Lucchesi. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1996.
- LUPORINI, C. *Leopardi progressivo*. Roma: Riuniti, 1996.
- MILANO, Dante. Leopardi. In: LEOPARDI, G. *Poesia e prosa*. Organização e notas de M. Lucchesi. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1996.

- MINORE, R. *Leopardi: l'infanzia, le città, gli amori*. Milano: Bompiani, 1999.
- PLATÓN. *Obras completas*. Traducción del griego por María Araujo *et al.* Madrid: Aguilar, 1979.
- PUPPO, M. Poética de Leopardi. Trad. A. T. Basílio Vieira. In: LEOPARDI, G. *Poesia e prosa*. Organização e notas de M. Lucchesi. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1996, pp. 81-89.
- RIGONI, M. A. (org.) *Tutto è nulla: antologia dello Zibaldone di Pensieri*. Milano: Rizzoli, 1997.
- ROBERTIS, G. de. Dalle note dello *Zibaldone* alla poesia dei *Canti*. In: LEOPARDI, G. *Zibaldone di Pensieri*. vol. 1. Milano: Mondadori, 1983.
- SAINTE-BEUVE, Ch. A. *Portrait de Leopardi*. Paris: Allia, 1994.
- SAPEGNO, N. A poética. Trad. A. T. Basílio Vieira. In: LEOPARDI, G. *Poesia e prosa*. Organização e notas de M. Lucchesi. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1996, pp. 97-99.
- SEGRE, C. & MARTIGNONI, C. *Testi nella storia: la letteratura italiana dalle origini al Novecento; l'Ottocento*. Milano: Bruno Mondadori, 1992.
- SOLMI, S. Il pensiero in movimento di Leopardi. In: LEOPARDI, G. *Zibaldone di Pensieri*. vol. 1. Milano: Mondadori, 1983.
- WELLEK, R. *História da crítica moderna (1750-1950)*. Trad. L. Xavier. São Paulo: Herder, 1967, vols. I e II.